

SER "GAÚCHO" NO NORDESTE

Rogério Haesbaert*



*"Enchem as coxas de bombachia
e de chimarrão as bochechas
quem nordestino me acha
nas brechas que eles me deixam?
Quando a gente fria chega lá de fora
numa frente fria quase fico alheio
ao redor de tudo é sul, de sul é cheio".*

(Clerbet Luiz, poeta de Barreiras, BA)

A "invasão gaúcha"¹ nos cerrados nordestinos pode ser considerada uma das pontas de uma grande rede, espécie de "diáspora gaúcha", que reúne, hoje, duas heranças aparentemente antagônicas: a da modernidade capitalista e da "sede pelo novo" do imigrante europeu "desbravador" e o tradicionalismo gaúcho do campeador pampeano. Alguns meses de pesquisa no oeste baiano, Chapada Diamantina e sul do Piauí, para onde convergiram nos anos 80 milhares de agricultores sulistas, atraídos pelas terras baratas e os gordos subsídios da SUDENE, permitiram perceber a intensidade dos conflitos que, para além da esfera econômica, já bastante estudada², compreendem disputas pelo poder político (pondo em xeque o velho coronelismo e sua base sócio-espacial, o latifúndio pastoril) e atritos culturais entre indidentidades regionais que podem ser consideradas hoje as mais distintas e marcantes do país: a baiana e a gaúcha, duas balizas no *continuum* entre as influências africana e européia na cultura brasileira.

A ordem na desordem: territórios "gaúchos" no Nordeste

Um clássico da sociologia brasileira, Oliveira Viana, apesar de sua base profundamente conservadora, já "pintava" um quadro muito instigante a respeito dessa ideologia que alimenta o confronto de identidades e difunde estereótipos sobre sulistas e nordestinos. Enquanto os "homens dos sertões" eram tidos como "individualistas, solitários, tenazes, de temperamento rude, passional e revoltoso" os gaúchos "sempre se revelaram os mesmos homens, (...) os experimentados aliciadores de autoridade e de mando - os caudilhos (...), naturalmente hábeis no meter em forma algumas centenas de homens e manobrá-los debaixo das melhores regras da tática e da estratégia".³

Para Viana a chefia "jaz latente na alma" dos gaúchos. Sua "capacidade de mando e a prática da organização de grandes massas humanas" são qualidades de que careceria o nordestino, o sertanejo, cuja coesão social seria muito mais tênue.

Em suas manifestações políticas, o "homem do Norte" tende à "anarquia" e à "desordem". Ele "teme o poder mas não o respeita", como o sulista. Este dualismo entre "aquele que pode" e "ordena" (em seu duplo sentido) e "o que obedece" e prima pela "desordem" é ainda muito nítido no cotidiano em que se manifesta o confronto entre sulistas e nordestinos nos cerrados baianos e do sul do Piauí.

Um dos resultados mais contundentes dessa "difusão da ordem" pelo migrante sulino, que alia aí a reprodução de relações sociais capitalistas e uma identidade regional muito distinta, é a segregação espacial que se configura, pelo menos entre uma parcela dos migrantes (geralmente a mais privilegiada), com a formação de verdadeiros "territórios gaúchos". Essas "fronteiras" de convívio pactuado, na visão de um professor local, estabelecem um "verdadeiro apartheid social", não apenas econômico mas também cultural e, em muitos sentidos, também político (afinal, na ótica baiana, além de ter quase o monopólio dos financiamentos bancários, quem acaba sempre dominando é o gaúcho...).

Ditos locais propagam que "gaúcho onde chega quer separar" e que ele "só anda com a sua turma", o que seria corroborado por iniciativas como a criação do "Bairro dos Gaúchos" em Barreiras, a luta pela emancipação de Mimoso d'Oeste, localidade com as melhores terras e lavou- ras de Barreiras, e a formação do Estado do São Francisco, compreendendo todo o "Além São Francisco" baiano.

Esta última, porém, é uma iniciativa de longa história e os baianos reclamam da intromissão separatista dos gaúchos: *"eles não têm mortos enterrados lá. Eles não viram seus filhos nascer lá. Eles não derramaram o suor lá como nós derramamos. Eles não têm uma dezena de anos, nós temos gerações e eles não têm geração alguma. Então é esbulho. Esse é um problema, de sentimento. Eles não têm, é chegar e entrar, isso é invasor, é posseiro, e posseiro não tem vez"* (Marlan Rocha, um dos mentores do Movimento pró-Estado do São Francisco, assessor em Brasília).

Mimoso d'Oeste, mesmo com cerca de 10 mil habitantes, duas agências bancárias e a maior indústria de óleos vegetais da Bahia (a CEVAL, do grupo Hering); que

os sulistas praticamente tiraram de Barreiras, não havia alcançado, até 1993, nem mesmo a condição de sede de distrito. A resistência da Câmara Municipal de Barreiras, onde só existem dois vereadores sulistas, é muito forte, e até mesmo o atual prefeito alega que a emancipação selaria a segregação, com um "território gaúcho" nos Gerais (os cerrados).

Muita coisa se faz em nome de um "gauchismo" que é reavivado pelo confronto com a cultura baiana. E vice-versa: o tradicionalismo sulista e a forte identidade gaúcha acabaram revigorando elementos culturais adormecidos, fazendo com que se redefiníssem noções de a do que é "ser nordestino", "baiano" ou mesmo habitante do Além São Francisco. "Temos muito pouco a ver com a Bahia", dizem muitos, mas na hora de fazer face aos sulistas todos viram baianos. "conterrâneos de Caetano, Betânia e Gil", como enfatizava uma propaganda do governo Valdir Pires na televisão, criada para combater o movimento seccionista em gestação visando criar o estado do São Francisco.

Por trás da questão dramática da intensificação das desigualdades sociais trazida pela modernização capitalista⁴, o embate entre as identidades baiana e gaúcha, que nada tem de "natural", produtos que são de um momento social específico, nem por isso perde importância. É em seu nome que são construídas alianças, moldados projetos econômicos e, no caso de algumas áreas, como vimos, produzido o próprio território.

Essa identidade regional gaúcha, apesar de sua diferenciação interna (desde o latifundiário da Fronteira e seu tradicionalismo "bombachista", mais próximo do "campeador rio-grandense" a que aludia Oliveira Viana, até o sem-terra totalmente desenraizado, bastante raro no oeste baiano, onde o cerrado exige muito capital para produzir), tem entre seus referenciais mais significativos os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e a Igreja Luterana, símbolos de uma migração que alia modernização tecnológica, tradicionalismo cultural e ética protestante.

Antes da fundação do primeiro CTG baiano (Mimoso d'Oeste, 1991), muitos

gaúchos chegavam a se deslocar 500 quilômetros para frequentar bailes e festas em Formosa, Goiás, outra área recente de migração sulista. Tanto o norte de Goiás quanto o sul de Tocantins têm recebido muitos migrantes da região da Campanha, tradicionais rizicultores arrendatários, mais vinculados ao tradicionalismo do que os sulistas da "Colônia". Além dos CTGs, alimentam a "tradição" programas de rádio de música gaúcha, voltados para a comunidade "desgarrada" (como acontece em Barreiras) ou mesmo na televisão (como ocorre em Campo Grande, MS).

Embora bem menos expressivas do que a Igreja Católica em número de fiéis as Igrejas Evangélicas Luteranas (IELB e IECLB) também são um claro indicador do legado cultural difundido pelos migrantes. Em Barreiras elas são genericamente conhecidas como "igreja dos gaúchos", dado o número quase nulo de praticantes nordestinos. Em viagem ao sul do Piauí com um pastor luterano de Barreiras e através de mapeamento realizado sobre a criação de paróquias luteranas nas regiões de "fronteira" ficou muito clara a vinculação entre a migração dos sulistas (especialmente os descendentes de alemães) e a difusão da Igreja Luterana pelo interior do Brasil. Cerca de dois anos após a chegada dos primeiros migrantes chega também a Igreja Luterana, como que manifestando o estreito vínculo entre protestantismo e ética capitalista, tal como analisado no clássico de Max Weber.

A casa e a rua, o trabalho e a festa

É essa ética capitalista que faz com que apareça com grande vigor outro estigma que ajuda a fabricar a identidade de "gaúchos" e nordestinos: o do "baiano preguiçoso, festeiro" e do "gaúcho disciplinado, trabalhador". Imagem essa que acaba se difundindo ao ponto dos próprios nordestinos a assumirem, como nestas declarações do principal "coronel" de Barreiras:

"...aqui não existe gaúcho preguiçoso, existe muito nordestino preguiçoso mas, sulista eu não conheço. (...) Quando os sulistas dizem que o nordestino é preguiçoso estão dizendo a verdade. Eu vou nas fazendas aí e quando chego, se tem

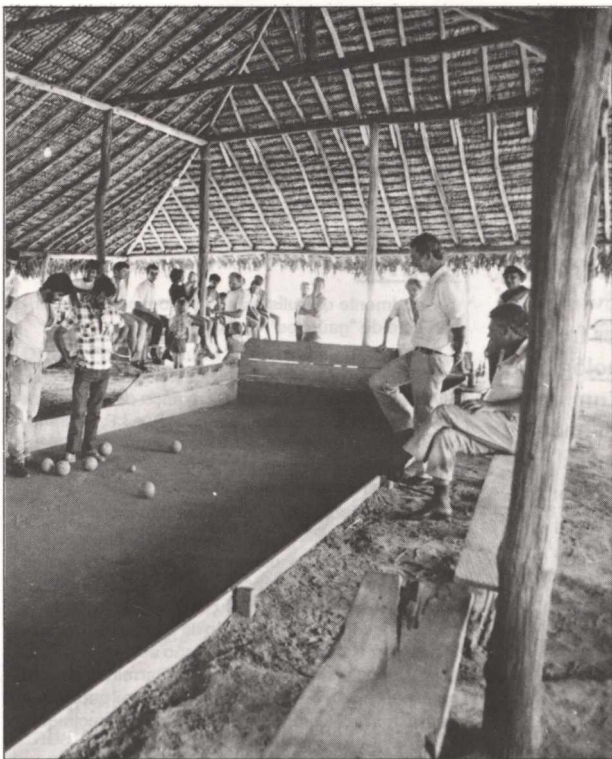


Foto Iêda Marques

Piatã, na Chapada Diamantina, cujo discurso é bem sintomático dessa incorporação da ideologia do patrão pelo empregado. Administrando as terras de um empresário que permanece a maior parte do tempo em suas propriedades no Sul, ele faz de sua moto, da "Ford" (do patrão) e de seu gauchismo, signos de uma modernidade e de um poder-prepotência que certamente no Sul ele não ousaria manifestar:

"Tenho uma moto 250 e enfio nessas terras pra tudo quanto é lado. Lugar que os caras só enfiam cavalo e burro eu enfio a moto pra dentro. Sei que tem um forró lá não sei aonde, vou cortando mato até chegar. (...) Uma vez eu fiz uma bagunça aí. (...) Os caras fizeram um baile e disseram

que se eu fosse homem e quisesse apanhar que eu fosse lá: fala pr'aquele gaúcho lá da soja que se ele for homem e quiser apanhar que ele venha aqui que nós vamos dar um coro nele. Aí eu arrumei um 38 e enchi de bala e fui lá. Comecei a dançar e numa dessas a camisa subiu e apareceu o cabo do revólver. Pronto. Ninguém mais abriu a boca."

Por ter muito maior mobilidade, com sua moto, a "Ford" e o "38", signos de uma modernidade "sulista" que altera radical e brutalmente os velhos ritmos do sertão, ele se impõe sobre toda a comunidade e passa uma imagem do gaúcho viril, poderoso e "decidido", quando na verdade isso, além de ser um reflexo da ideologia difundida pelo patrão, corresponde a uma espécie de compensação pela marginalização a que sua condição social, no Sul, o relegava.

Outro recorte muito importante que identificamos nessa reprodução dos "gaúchos" nos cerrados do Nordeste é o que envolve espaço privado e espaço público, ou "a casa e a rua", na linguagem de Roberto DaMatta, e que neste caso se confunde também com o espaço feminino e o masculino. No espaço cotidiano da classe média gaúcha em ascensão no oeste

baiano selou-se muitas vezes a separação casa-rua, que DaMatta considera, no Brasil, mais do que espaços geográficos, "modos de ler, explicar e falar do mundo"⁵.

A rua, o espaço "liberal" dos baianos, é sinônimo de *sujeira* e *depravação*. Numa posição extrema, como se referiu uma dona-de-casa sulista, cabe então nem sair à rua: *"raramente vou ao centro da cidade, quando saio vou sempre de carro. Tu já viste a sujeira? E as crianças? Andam todas atiradas, na maior promiscuidade. Toda garotinha já é prostituta. E a mulher que se cuide, ou perde o marido"*. A informalidade e o "à vontade" da rua baiana, marcada pelo pobre que não tem um status pelo qual zelar, ao contrário da classe média predominante nas cidades do sul, passam a ser subversores para muito "gaúcho" acostumado a pôr as melhores roupas e "nunca ir de chinelo" ao centro da cidade.

Na verdade, foi a partir da intensificação do capitalismo, trazido especialmente pelos sulistas, que as ruas outrora tranquilas de Barreiras, onde os moradores passavam os fins de tarde batendo papo nas calçadas, passaram a partilhar um pouco do "oceano de maldade e insegurança" que, no dizer de DaMatta, definiria a rua brasileira. Considerando a moral mais rígida da maioria dos migrantes sulistas, provenientes de zonas rurais ou pequenas cidades do interior, pode-se bem imaginar o impacto que a "rua" baiana provoca. Quebrando um pouco o mito desse moralismo, uma boate, misto de espaço público e privado, curiosamente denominada "Quebra Gaúcho", tinha como sua principal atração prostitutas trazidas do Sul, tornando-se, na visão irônica dos nordestinos, "o único lugar onde o baiano pode levar a melhor frente aos gaúchos".

Embora participando ainda timidamente desse espaço público que parece colocar em xeque, a todo momento, seus "princípios", a mulher sulista, classe média e classe alta, acaba, no Nordeste, tendo que arcar com um duplo fardo: o da migrante que é obrigada a mudar pela sujeição às decisões do marido, o que muitas vezes desarticula sua vida e até mesmo a família, com a separação dos filhos que permanecem estudando ou trabalhando no Sul; e a da "gaúcha" que, diante do desafio de uma cultura relativamente menos conservadora, teme até mesmo "perder o mari-

nordestino e sulista, tem que trabalhar, e quando não trabalha eles botam fora. Tem fazenda aí com quinhentos e tantos, seiscentos homens trabalhando, e o que não presta eles botam fora. (...) os sulistas (...) eles vêm pra cá e sabem o que querem (...) e o nordestino não."

É esse espírito capitalista, "decidido", de boa parcela dos migrantes sulistas que, fazendo deles "os que sabem o que querem" ou "aqueles que podem" (mesmo que ainda não detenham formalmente o poder político), difunde o mito do desbravador todo-poderoso, "sabido" e trabalhador que, na visão dos baianos, vai aos poucos se tranfigurando na "brutalidade" (vide recentes denúncias de trabalho escravo na região) e na "esperteza" de um sulista que "só sabe levar vantagem, não reparte nada". Isso domina, é claro, entre capitalistas, como os empresários rurais que sugerem à maior indústria local de proprietários baianos "um dirigente sulista" como forma de "melhorar seu desempenho".

Mas a mentalidade das classes subalternas também reproduz esses mitos, ao ponto de transformá-los em ações concretas. É o caso de um trabalhador rural, um dos primeiros gaúchos a cultivar terras em

do"... Assim, o papel da mulher sulista nesses espaços de migração representa um imenso campo para a pesquisa antropológica.

"Vocação de mando" e coronelismo

Se essa "vocação de mando" (cf. Oliveira Viana) que muitos gaúchos reproduzem, do espaço privado ao espaço público, ainda não conseguiu conquistar o poder formalmente instituído, isso se deve à força do elo coronel-paternalista que faz do eleitorado do interior nordestino, em grande parte, ainda, um fiel seguidor das estratégias ditadas pelas famílias tradicionais. Se culturalmente encontramos vários pontos de convergência, politicamente "ser gaúcho no Nordeste" não é nem um pouco simples, identificando-se pelos menos três grandes papéis:

- amparo ao coronelismo local (pelo menos enquanto a população baiana, majoritária, resistir à candidatura de um empresário "gaúcho"⁶), em alianças como a das duas últimas eleições municipais em Barreiras (sendo que na de 92 nem o apoio dos maiores empresários sulistas impediu a reação do eleitorado que derrubou o mais influente dos "coronéis" locais, aliado do governador Antônio Carlos Magalhães);

- agente da modernização, introduzindo eleições menos fraudulentas e gestões menos clientelistas, como na eleição municipal de 92 em Barreiras, em que uma coalizão inédita de centro-esquerda conseguiu vencer com um candidato baiano apoiado pela maioria sulista (exceto os grandes empresários);

- fortalecimento de uma mentalidade de esquerda, especialmente por alguns sulistas, geralmente de classe média e classe média baixa, que fundaram partidos como o PT e reforçaram movimentos já atuantes através da Igreja Católica (CPT) e do sindicato rural.

Por trás dessa diferenciação "de classes" retratada nos papéis políticos dos migrantes sulistas restam, contudo, identidades sociais que se vêm fortalecidas no atual contexto de crise, em nível regional e

nacional, alimentando interesses, preconceitos e a segregação entre o "Sul" (incluindo aí São Paulo) e o "Norte"⁷.

Formas de identidade forjadas a partir de um território de origem, como "ser gaúcho" e "ser nordestino", foram tidas como uma questão menor pelos cientistas sociais. Hoje, contudo, a presença da "territorialidade" na vida dos grupos sociais, numa espécie de movimento reterritorializador que tenta fazer frente à brutal desterritorialização (tecnológica e capitalista) que domina, revive um paradoxo: a intensificação dos movimentos regional-nacionalistas, tantas vezes neo-conservadores, segregadores e reacionários, e o salutar "elogio da diferença", a defesa de uma "etno-diversidade" de culturas em sério perigo de extinção.

"Ser gaúcho no Nordeste" pode ser visto, assim, como toda identidade social, ao mesmo tempo como um legado conservador que reproduz a desigualdade e alimenta a segregação, e uma demonstração cultural que, pelo desafio que sua diferença evoca, pode promover o diálogo e o questionamento. O importante é estimular essa margem de diálogo, pois só ele permite perceber que, por trás da diferença, resta sempre o reconhecimento da igualdade:

"É preciso apostar contra o universalismo que constitui a tradução de uma arrogância, e apesar de tudo manter o primado da igualdade dos semelhantes."

De fato é apenas se eles são iguais que os semelhantes podem ser outros. É a igualdade que faz reemergir o poder de alteração da alteridade que dissimula o quase-outro"⁸.

* Rogério Haesbaert é Prof. do Dpto. de Geografia da UFF-Niterói, mestre em Geografia pela UFRJ e doutorando na USP.

NOTAS

1- Localmente os sulistas são denominados genericamente de "gaúchos".

2-Destacamos, entre outros, Milton Santos F^o et al. (O processo de urbanização do oeste baiano. Recife, SUDENE, 1990), A. Baiard (O avanço da agricultura intensiva no Oeste baiano. Datil., s/d), e J.P. Bertrand, M. Droulers e L. Lavinias ("Le front pionnier de l'Além São Francisco". In *Portraits de Bahia*. Paris, eds. da Maison des Sciences de l'Homme, 1987).

3- Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, p.136.

4- A modernização estimulada pela migração de sulistas, geralmente classe média e classe média alta (no total, hoje, uns 30 mil em todo o cerrado baiano), incentivou a migração da população miserável do sertão semi-árido em direção ao "eldorado" da soja. A população do município de Barreiras, que é o principal centro regional, passou de 40 mil para cerca de 100 mil nos últimos 10 anos, com o aparecimento de várias favelas e "invasões".

5- Conforme Roberto DaMatta em *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991 (4^a ed.)

6- Nas várias entrevistas que realizamos na periferia de Barreiras, ficou muito nítida a aversão a um candidato "gaúcho" ("eles não entendem os nossos problemas" era o argumento mais utilizado).

7- Sobre os interesses por trás do fortalecimento da identidade gaúcha ver nosso trabalho *RS: Latifúndio e identidade regional* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988) e sobre o confronto nordestinos-paulistas ver a análise de Maura Penna (*O que faz ser nordestino*, São Paulo, Ed. Cortez, 1992).

8- Jean Borreil em "Le verb absent", *La tolérance, Autrement* n^o 5, Paris, set. 1991, p. 146.



Culto luterano em casa de nordestinos - Correntes/PI

Foto Rogério Haesbaert